



Divulgação

# As trilhas de Roberto Klabin

*Presidente há 15 anos da ONG S.O.S. Mata Atlântica diz que é preciso tirar as pessoas da "zona de conforto" e mudar a concepção elitista do discurso ambiental, trazendo-o para o dia-a-dia*

Muito se diz sobre as geleiras que estão derretendo, o nível do mar que está subindo e a temperatura global que está aumentando. Rios poluídos, camada de ozônio em peneiras e um número crescente de animais em extinção. É tudo verdade. E o que nós temos a ver com isso? Tudo, como quer mostrar Roberto Luiz Leme Klabin. E a tentativa dele já dura 30 anos.

Há 15, ele é presidente da Fundação S.O.S. Mata Atlântica, a maior e mais respeitada ONG ambiental do Brasil, fundada em 1986. Ele conta que a paixão pela natureza vem da infância, quando teve a oportunidade de conhecer o Pantanal. Mas a militância, na verdade, viria apenas nos tempos de faculdade, quando cursava Direito no Largo São Francisco (USP). Por influência do amigo Fabio Feldmann, ele deixou a Atlética da faculdade e resolveu engajar-se na causa.

Uma de suas primeiras lutas foi contra a construção de um aeroporto internacional em Caucaia do Alto (SP), em meados da década de 70. Essa obra teria um forte impacto na região, destruindo uma área de mananciais. A batalha foi vencida. No início dos anos 80, seria um dos fundadores da Oikos - União dos Defensores da Terra e, a partir daí, seria impossível seguir outro caminho.

De fala e pensamento rápido, Klabin cumpre o papel de conversar com os dois extremos de um grande conflito histórico: empresários e ambientalistas. De um lado, o interesse na produção e no aumento do lucro. Do outro, a preocupação com o desmatamento e com todas as formas de poluição. Mas, segundo Klabin, essa realidade mudou ao longo do tempo. E afirma que o apelo da S.O.S. tem soado cada vez mais forte aos ouvidos do empresariado.

“Não sou teórico, cientista e nem estudioso da questão ambiental. Meu negócio é fazer a entidade andar e garantir que cumpra o que prometeu. Para

isso, a equipe tem que estar motivada, as metas estabelecidas e a estratégia definida”, explica.

Ele conta que o grande desafio da Fundação é comunicar bem. Isso porque não basta que as pessoas tenham consciência sobre os efeitos irreversíveis da destruição ambiental. Além de conscientes, elas devem ser engajadas, “o que só ocorrerá quando falarmos a língua dos leigos e trazer para o cotidiano deles a importância de cuidarmos da natureza”, aponta. E também quando entenderem que a destruição e as conseqüências dela estão acontecendo exatamente aqui, ao nosso lado, e não apenas no Amazonas ou nos pólos.

Se o dia-a-dia de Klabin já é corrido na cidade de São Paulo, tendo que se dividir entre reuniões, eventos, acordos e palestras, as horas correm ainda mais depressa quando ele tem que viajar para o Pantanal - o mesmo que o fez apaixonar-se na infância -, onde tem uma pousada que segue a linha do turismo ecológico, o Refúgio Caiman.

Mas nem só de verde vive o presidente da S.O.S. Mata Atlântica. Com descendência russa por parte de pai (o lado italiano é de origem materna), aos 51 anos de idade ele conta um pouco da sua nova 'aventura': “Sempre tive facilidade para línguas, e agora estou aprendendo russo. Vou morar lá por um mês. Estou voltando às minhas origens, minha avó falava com muito sotaque”, recorda. “Dizem que, para a pessoa que está envelhecendo, estudar línguas é uma maneira fantástica de estimular o cérebro”, brinca. E estimular o cérebro é com ele mesmo: “Além de ler muito, adoro história e sou fanático por museus”, revela. Ele diz que essa influência veio da professora Ophélia Masella de Oliveira, do Colégio Dante Alighieri, onde estudou do Ginásio (hoje, Ensino Fundamental) ao Curso Colegial Clássico (hoje, Ensino Médio), tendo se formado na Escola em 1973.

Para filiar-se à Fundação S.O.S. Mata Atlântica, ligue para 3055-7888 ou acesse [www.sosma.org.br](http://www.sosma.org.br).

**De onde surgiu o interesse pelo meio ambiente?**

Tenho uma origem de 'família florestal'. Desde pequeno eu via como eram as matas, como se replantavam árvores...mas o que realmente desenvolveu o meu amor pela natureza foi o Pantanal, que conheço desde os 10 anos de idade. Desde sempre aquele lugar mexeu comigo.

**Do amor para a militância foi um passo?**

Comecei a minha história de ambientalista dentro da faculdade de Direito da USP. Lá conheci o Fabio Feldmann. Ele estava arregimentando um grupo de pessoas que pudesse lutar contra a instalação do aeroporto internacional de São Paulo em Caucaia do Alto, próximo de Cotia. Era uma região conhecida como mar de morros. Não fazia o menor sentido instalar o aeroporto ali, porque comprometeria os mananciais e haveria uma remoção brutal de terra. Além disso, já existia um aeroporto em ViraCopos e um militar em Guarulhos. Por que não investir em um deles? Isso foi entre 1976 e 77. Depois de 2 ou 3 anos, vencemos a luta. Foi o reconhecimento das autoridades que essa gente, os ambientalistas, estavam fazendo barulho e atentando para detalhes que talvez não tivessem sido vistos na elaboração do projeto. Essa vitória redundou numa série de fatos, que culminariam com a Eco 92. Mas depois disso houve um refluxo muito grande. Várias causas entraram em competição e a questão deixou de ser prioritária. Na verdade, nunca foi, mas teve o seu momento. Hoje vemos uma certa confusão do termo 'sócio-ambiental'. O "sócio" tem prevalecido, e o "ambiental" é deixado de lado. Mas sabemos que, enquanto houver pobreza, desigualdade, miséria etc., será bastante difícil.

**E a burocracia e os entraves políticos quanto a novos projetos também atrapalham...**

Os entraves ocorrem basicamente pela falta de conhecimento e de interesse da própria sociedade em relação aos temas propostos. Na medida em que a sociedade não conhece as causas, não respeita e não luta, a classe política, que é um reflexo da primeira, também não age. Temos, por exemplo, o Projeto da Mata Atlântica, que está há 14 anos parado. Ele não é transformado em lei porque existe uma pressão muito grande do setor ruralista, que tem suas alegações. Esse setor tem uma grande bancada e uma

grande defesa. Enfim, as coisas não andam quando não há interesse da sociedade.

**Qual a sua visão sobre o Projeto da Mata Atlântica?**

A lei consolida a preservação dos 7% remanescentes desse bioma. Então a pergunta é: estão querendo destruir o que resta? Algumas pessoas alegam que, com a lei, os ecologistas estão querendo recuperar os 93% da mata. Isso é ridículo, não há como fazer isso. Mais de ¾ da população brasileira vive em áreas que já foram Mata Atlântica, e ninguém está querendo recuperar essas áreas, que hoje são ocupadas por ruas, avenidas, cidades... O que queremos é conservar o que falta.

**O brasileiro não se interessa pela questão ambiental?**

Na verdade, as pesquisas mostram que o brasileiro acha isso tudo importante, mas uma coisa é ser consciente, outra é ser engajado. Consciente todo mundo é, mas aí a pessoa vem com o seguinte discurso, que é terrível e não queremos ouvir: "Ainda bem que vocês (S.O.S. e outras ONG's) existem". É como se a pessoa passasse para nós o ônus de resolver esse problema. Ou como se dissesse: "Eu me considero muito pequeno para fazer alguma diferença". Isso é uma barbaridade! Então, o movimento ambiental passa a ter duas frentes a serem resolvidas. Uma, de mostrar que qualquer um pode fazer a diferença e de que as pessoas não podem se desmotivar com relação ao tamanho do problema. Temos que dividi-lo em pedaços, e cada um administra a parte que conseguir. Todos podem ajudar de dentro das suas próprias casas, por exemplo. E aí caímos em um discurso antigo, mas que é verdadeiro: pense global e aja local. Na verdade é isso mesmo. O segundo ponto é tentar transferir a questão ambiental para o cotidiano das pessoas, e não querer criar nas pessoas a prioridade do meio ambiente. Quais são as prioridades da população hoje? Habitação, saúde, educação, segurança... queremos incorporar em cada um desses setores o item ambiente.

**Como deve ser a conversa com a sociedade?**

O discurso para o rico pode ser esse: "O senhor tem uma casa de praia no litoral norte. O senhor sabe o

impacto que essas casas estão criando? Sabe que sem a aplicação da legislação o senhor vai ter uma deterioração do valor do seu patrimônio? Já reparou que atrás do seu condomínio estão surgindo favelas e ocupações ilegais? Sabe quem são essas pessoas? Elas vieram para fazer a sua obra, muitos ficaram e trouxeram a família. Resultado: perda da qualidade de vida.” O discurso para o mais pobre: “O seu barraco está em cima de uma área de manancial, e a água que você bebe está contaminada. Vocês vão ficar cada vez mais doentes se não tomarem precauções e cuidados para se instalar aqui.”

Nosso papel é tornar o discurso ambiental menos chato, menos elitista. Em vez de falar que a biodiversidade está ameaçada, diremos que a sua qualidade de vida está ameaçada. Nossa missão é alertar, divulgar, conscientizar.


#### A relação com as empresas é difícil?

Observamos que, na prática, temos muito mais apelo junto, justamente, a empresas. Hoje em dia, para um empresário, não basta apenas instalar-se adequadamente e cumprir toda a burocracia. Tem que dialogar com os *stake holders*, que seriam

basicamente todos os envolvidos no negócio, desde autoridades, empregados e até as pessoas que moram no entorno. Além disso, algumas ações passam do interesse econômico. Se a sua empresa faz um produto biodegradável, ele vai vender mais do que o concorrente? Se custar mais caro, não. Mas, se a empresa for conhecida, destaca-se por ações sócio-ambientais, tem uma boa governança corporativa, esse produto será um *plus*. Hoje em dia não basta fazer o bem. Hoje tem que fazer o bem e dizer que foi você que fez. Do contrário, ninguém diferenciará você do resto. E o consumidor, no final das contas, é a figura que todos querem atingir. É aquele cara consciente, mesmo que não engajado. E, na hora de comprar um produto, ele pode tomar uma decisão.

#### O viés ideológico atrapalha na hora do diálogo?

Muito. Embora eu já tenha 30 anos de luta, ainda ouço: “Ah, mas ele vem de uma família que faz papel, tem fazenda de gado etc.” O que eu posso fazer? É verdade. E estou trabalhando justamente para melhorar as coisas e adequar as situações. Quer dizer que as pessoas simplesmente são descartadas porque vêm de um lugar ou de outro? Se isso é certo ou



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA


COLÉGIO “DANTE ALIGHIERI”

SÃO PAULO
EST. SÃO PAULO

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO COLEGIAL CLÁSSICO


Certificamos que ROBERTO LUIZ LEME KLABIN  
 filho de Samuel Klabin e de Aracy Augusta Leme Klabin  
 natural de São Paulo - São Paulo, nascido em 15 de julho de 19 55,  
 tendo em vista os resultados das provas prestadas no ano letivo de 1973 na terceira série do Curso  
 Colegial CLÁSSICO é considerado habilitado no segundo Ciclo Secundário, nos termos da Lei  
 Federal n.º 4024, de 20/12/1961, - Diretrizes e Bases da Educação - e do Regimento Interno.

São Paulo, 12 de dezembro de 19 73




DIRETOR

DIRETOR - Prof. Gianfranco Paris  
Reg. - 3779 - 45 DETEC.  
R. G. - 343370



SECRETÁRIO

Secretária - Cera Chiodo Mass  
Reg. - 638 - 60 DEEC.  
R. G. - 377.777



MARIA CLEMENTINA CAMPAGNA PATRÔNIO  
RESPETÁVEL DO CURSO SECUNDÁRIO 2º ANO

Arquivo



errado eu não sei, mas quando tenho que sentar para conversar com as pessoas, deixo de lado o viés ideológico. Procuo falar com todos os segmentos, porque entendo que cada um deles tem sua característica positiva e interesse em construir algo bom. Não deixo de dialogar com uma pessoa porque ela representa uma posição que eu não consiga aceitar. Não existe para mim essa história de maniqueísmo: ele é ruim, fulano é bom e acabou. Sei que é difícil conciliar essas questões. Mas isso me dá possibilidade de conversar com todos os lados. Procuo aproximar as partes, ambiental e empresarial. Pela parte ambientalista, busco atenuar a desconfiança que eles têm do empresário, e procuro mostrar para o empresariado as vantagens de se adequar a um discurso mais sócio-ambiental. Assim geramos o chamado “círculo virtuoso” de ações.

### **Como chamar a atenção dos jovens para a causa ambiental?**

É uma categoria extremamente difícil de ser mobilizada. Já com a criança, é fácil de trabalhar, ela se sente estimulada, é um período ótimo esse que vai até os 10 anos de idade. Fazemos inclusive com que a criança seja uma espécie de fiscal dentro de casa, observando e alertando o comportamento dos pais. Mas, quando chega na adolescência, o indivíduo já vive um conflito hormonal e interno, que já é um processo difícil de ser administrado. O que devemos fazer é desenvolver um modelo que fale a língua do jovem. Encontramos muito mais eco no pessoal de 35 a 55 anos. Jovens engajados são muito poucos.

### **E os jovens têm um papel importante na prevenção de possíveis catástrofes naturais, afinal, eles são o futuro...**

A mudança climática é algo que já está acontecendo. Costumo contar uma história bem prática. Quando eu era menino, podiam ser observadas algumas árvores de manga em São Paulo, mas nenhuma delas dava frutos. Hoje, elas dão. Isso significa que a cidade está mais quente, pois foi se impermeabilizando. E onde existem mais áreas verdes, a temperatura é menor. Nossos bisnetos vão sentir esse problema. Será rompido por completo todo um padrão de circulação de ar, de chuvas... Áreas que hoje são agricultáveis deixarão de ser. Não é nem a questão de que as geleiras vão derreter, o nível do mar vai subir e

destruir as cidades litorâneas, porque isso vai ocorrer mesmo. O mundo tem que se preparar para uma situação muito complicada. As pessoas estão cientes disso, mas não estão nem aí.

### **Quais são suas expectativas sobre o futuro desses acontecimentos no Brasil?**

Vivemos uma situação muito grave: o Brasil vê no agronegócio sua saída econômica. E o agronegócio, no modelo em que está instituído hoje, bate de frente com a questão do meio ambiente, *vide* as plantações que avançam sobre a Floresta Amazônica. Enquanto não for mostrado para a sociedade que o meio ambiente é um indutor de progresso, que a floresta em pé pode trazer muito mais recursos do que será obtido com a exploração de grãos, o modelo atual estará vencendo. Exemplo de um país que trabalha corretamente é a Costa Rica. Eles conseguiram reverter o desflorestamento. Eles entenderam que o meio ambiente dá dinheiro. Foi decretado que a floresta simplesmente não pode mais ser derrubada. Lá, o governo paga para quem tem uma floresta. No Brasil, a mata é vista como indutor de atraso. É uma questão cultural.

### **Desde que começou a se envolver com a militância, o que mudou no seu entendimento sobre a questão ambiental?**

Mudou na medida em que deixei de ser poético e passei a ser prático. Continuo acreditando que tudo tem solução, mas a maneira de se aproximar dela mudou com a idade e com a experiência. Não estou dizendo que é melhor ser prático que poético. Há idades para tudo. Não posso pedir para um jovem ser prático, tenho que pedir para que ele tenha uma ideologia, uma esperança, um sonho. Se o jovem começar sem isso, fica difícil. Temos que criar esse imaginário.

### **Quando o governo faz alguma coisa, é porque a pressão veio de fora?**

Não. Hoje, as ONGs do Brasil, que são inúmeras, fazem muito barulho e muita pressão. E quem está no governo são ex-ongueiros, que tinham esse mesmo discurso a 10 ou 15 anos atrás. Agora, passaram de pedra para vidraça. Estão recebendo a pressão que costumavam fazer. E estão respondendo. Claro, ainda não é ideal, há muito por se fazer.

### **Como as RPPN's (Reservas Privadas de Patrimônio Natural)...**

São a forma mais barata que o governo tem para criar unidades de conservação no país. É uma reserva particular, mas tem o *status* de unidade de conservação. Ao criar uma RPPN na sua propriedade, você não deixa de ser dono da área, mas deixa de ter livre acesso, no sentido de que não se pode mais transformá-la. É legalmente reconhecido pelo governo. O único incentivo para o proprietário é o ITR sobre a área, que ainda não é um imposto muito grande. Não tem mais nada. Por isso é muito mais uma ação de amor. Isso não custa nada para o governo. Só de RPPN já são mais de 600 mil hectares no Brasil. Devíamos estimular cada vez mais tais criações.

### **O que significa dizer que “A Mata Atlântica é aqui” (título do livro recém-lançado pela editora Terra Virgem, que conta a história da Fundação S.O.S. Mata Atlântica)?**

Moramos em cima de uma área, de um terreno, que foi efetivamente Mata Atlântica. A água que bebemos vem dela. Muitos dizem: “A floresta está caindo, mas é lá longe, não tenho nada com isso. Não estou vendo. As geleiras estão derretendo, mas é lá no pólo”. Esse discurso é péssimo. A Mata Atlântica, efetivamente, é aqui, onde nós moramos. Temos que tirar as pessoas da cadeira, da zona de conforto. Mostrar que é preciso tomar a frente e ser cidadão. E parar com o discurso técnico e científico, porque ele não se traduz aos ouvidos de uma pessoa leiga. O desafio é comunicar bem.

### **Qual foi sua maior conquista como presidente da S.O.S.?**

Em 2006, a S.O.S. completa 20 anos. Estou aqui há 15. A conquista é de ter passado, ao longo desse tempo, por todos esses momentos e de ter procurado enfrentar com criatividade cada uma dessas questões, procurando garantir que a instituição continue durante mais 20 anos com credibilidade. O maior patrimônio de uma ONG é a sua credibilidade. As campanhas, as causas e os temas mostraram que temos sido bem recebidos e respeitados pela comunidade. Uma vez perdido isso, acaba tudo.

### **Sobre a sua pousada, que fica no Pantanal: é um *business* ou é a realização de um sonho?**

As duas coisas. Para mim, o Pantanal sempre foi uma área muito importante. É, realmente, a realização de um sonho, construí a pousada antes de conhecer o conceito de turismo ecológico. Fui para a África, fiquei quase dois meses em países da América Latina e trouxe a experiência desses lugares para aplicar na pousada. Aquilo para mim é um caso de amor. Sim, dá muita dor de cabeça. Esse negócio de pousada, serviço, restaurante... é complicado. Muita gente se aposenta e fala: “Agora vou abrir um negócio...”. Eu recomendo que pense bem!

### **Exceto algum lugar do Brasil, qual é a paisagem natural que mais lhe marcou?**

É até engraçado, porque não tem nada a ver com floresta. Trata-se do deserto de Atacama, no Chile. Fiquei chocado com o lugar. Estive lá no começo deste ano. Eu diria que nunca estive em um ambiente tão estranho, tão hostil e, ao mesmo tempo, tão bonito. Mas, claro, minha preferência é pela Mata Atlântica, enxergar aquela baía de Angra, o litoral norte de São Paulo... Estar em um barco, a uma distância que não se perceba tanto a ocupação humana, e ver toda aquela serra coberta por floresta, o mar... Olha, não tem lugar mais espetacular que o Brasil. Lamentavelmente cuidamos dele muito mal.

### **E o que o Colégio Dante Alighieri representa na sua formação?**

Tenho muito mais memórias de lá do que da faculdade. O Dante foi o grande fator de diferenciação da minha educação e me deu todo o acervo cultural que carrego hoje. Reconheço isso e falo sempre. Os três últimos anos, em especial, foram momentos de luzes, porque aprendi muito e me interessei pelas coisas. Além disso, foi onde conheci minha mulher, com a qual estou casado há 26 anos. Quando entrei na faculdade, ela ainda era aluna. Temos memórias comuns do Dante, os mesmos professores, as mesmas histórias, os mesmos ambientes. Ter boas memórias é fundamental. De certa maneira, são elas que garantem a nossa estabilidade emocional. E o Dante me deu essa estabilidade. ☛